

SINÉSIO DE CIRENE

João Batista Camilotto

Sinésio de Cirene, cognominado o "último dos grandes homens da Cirenaica", quase não é conhecido entre nós. Embora não seja ele dos grandes Padres da Igreja dos fins do século IV, não deixa, contudo, de ser um dos homens mais estimáveis de seu tempo.

Nascido em Cirene, por volta do ano 370 de nossa Era, procede de antiga família de latifundiários gregos e pertence a uma das mais nobres famílias da Pentápole Cirenaica. As cinzas de seus ilustres antepassados dormem em faustosos monumentos que ornaram os cemitérios de Cirene.

A Cirenaica é, com efeito, muitas vezes designada pelo nome de Pentápole: Cirene, Tolemais, Arsinoé, Berenice e Apolônia eram as cidades mais importantes que integravam esta então riquíssima colônia.

A origem da prosápia de Sinésio mergulha nas névoas da lenda primitiva, enfeitada pela epopéia de Esparta. Seria Euristines seu mais longínquo antepassado, Euristines que conduziu os Dórios para as planícies do Peloponeso onde surgiu Esparta.

Ei-lo, portanto, nascido sob os ardentes céus da Cirenaica, sobre os litorais africanos do Mediterrâneo, região florescente outrora, cujos reis Pindaro cantou em estrofes de alto lirismo. Foi ali que nasceu, viveu, cantou e morreu o, no dizer de Bossuet, "grande Sinésio".

Toda a sua vida respira nobreza, prestígio hereditário e uma tal ou qual vaidade de descender de heróis. Os concí-

dadãos confiar-lhe-ão cargos de responsabilidade e missões que exigem prudência e tato diplomático. Estará à frente da Igreja da Cirenaica como chefe e pastor. A magnitude de seu vulto atrairá os olhares dos grandes do Império, a amizade o ligará a todos os poderosos da época. Seu tio Alexandre adquirira, graças às viagens, uma justa reputação de filósofo. Outro tio seu, Maximino, teve que transportar-se para Constantinopla, a fim de ir ao encontro das honrarias de um importante emprêgo público.

2. Sinésio não nos deixou nenhuma indicação quanto aos ascendentes diretos. Que nada tenha dito de sua mãe, compreende-se. Isto está dentro da mentalidade grega, como no-lo afirma o historiador de Péricles (Tuc., II, 45), quando, ao falar das mulheres, afirma que a "mais benemérita é aquela da qual entre os homens menos se ouve falar, seja em bem, seja em mal".

Seu pai chama-se Hesíquo, rico proprietário, hábil em explorar seus domínios como em inculcar aos filhos um espírito de família emoldurado da mais nobre distinção.

A família de Hesíquo se compunha de vários filhos: Evópcio, o mais velho, nosso Sinésio, aos quais, se dermos fé a Wilamowitz, devemos acrescentar duas irmãs. Uma delas chamava-se Estratonice e era de alta beleza. Sinésio levantou-lhe, segundo o costume do tempo, uma estátua, cuja inscrição a com-

parava a Cipris, isto é, a Vênus. E quando ela tiver deixado Cirene em demanda de Constantinopla, como esposa de Teodósio, guarda de Corpo do Imperador, Sinésio, deplorando embora seu silêncio, velará de longe sobre o casal ingrato, e recomendará o cunhado a um amigo influente.

Extraordinário o carinho, o amor fraterno que Sinésio dedica ao irmão Evópcio. Em suas cartas, sobretudo, surpreendemos, a encantadora afinidade que intercorre entre as duas almas. Mais de trinta e seis vezes Evópcio está presente nas cartas de Sinésio, nas 156 que chegaram até nós. E se há um documento que pode revelar os sentimentos e o calor íntimo da amizade, esse documento são as cartas escritas ao sabor das circunstâncias, sobretudo no momento das confidências, quando a alma se transfunde sobre o papel.

É encantadora a espontaneidade com que Sinésio se confia ao mano mais velho. Tudo se lhe torna pretexto para íntima correspondência: anúncio de uma visita recebida ou a receber, curiosidade a satisfazer, simples bilhete de convite, mensagem de adeus, hóspede a recomendar, aventuras a narrar, penas e rancôres, conselhos a solicitar, é sempre o irmão que lhe povoa a solidade, ficando presente a seu coração.

Além de nos fornecerem tantas indicações inestimáveis sobre sua vida material e espiritual, sobre o círculo dilatado de suas amizades, sobre as inquietações de irmão, de esposo, de pai, de pastor, essas cartas — a parte mais preciosa e mais encantadora de toda sua obra — permitem que evoquemos indiretamente, ainda palpitante de vida, ainda gotejante de sentimentos, a alma nobre de seu autor.

Mas que nos dizem sobre a vida de Sinésio estas cartas? Diretamente pouco, ou quase nada. Mas indiretamente, nas entrelinhas — muito.

3. De sua infância vivida no torrão natal, na Cirene de tantos heróis e de tantos homens ilustres, o filósofo, o epistológrafo, o hinógrafo que foi Sinésio, guarda, na tarde da vida, as lembranças mais encantadoras.

Num meio tão tradicionalista como o seu, inútil pensar numa educação ex-

cepcional. Seria algo de extraordinário e contrário à verossimilhança. Sem muitas diferenças terá ele beneficiado da mesma educação da qual beneficiarão, um dia, seus filhos e seu sobrinho. Enquanto estudam as primeiras letras, aprendem de memória o tesouro da poesia de que já andava tão rica a literatura grega.

Entre os prosadores, ao que parece, foi Heródoto quem deu os primeiros sobressaltos a sua imaginação infantil, em tantas narrações atraentes, em tantas histórias próprias a aguçar a curiosidade. O Pai da História não só abrangeu, de modo geral, a Geografia e História do mundo de então, mas de modo particular falara da Líbia e da Cirenaica.

Descendente de espartanos, a educação de Sinésio não terá ficado devendo nada naquilo que diz respeito à educação corporal. Ao desabotoar da adolescência, quando o corpo se vai amoldando à estrutura definitiva, sob a condução de um pedotribo escolhido a dedo pelo pai solícito, o pequeno Sinésio vai entregar-se com grande entusiasmo ao exercício da palestra.

Falecem documentos também sobre a adolescência de Sinésio. Desde cedo a fé patriótica deve ter cravado profundas raízes em seu peito.

"Eu não vivi, dirá ele no Tratado dos Sonhos, senão de leituras e de caça".

Mais tarde, quando as responsabilidades lhe pesarem sobre os anos, ao voltar ao passado, escreverá em suas cartas: "Desde a infância pareceu-me que a perfeita felicidade estava nos lazeres de uma vida fácil... Fiquei estranho a tudo quanto interessa as crianças, os adolescentes, a juventude. Como uma festa sagrada fluía esta existência que, ao longo de minha idade, me conservou uma alma serena, ao abrigo do fluxo e refluxo das paixões. Oração, leitura e caça, assim se distribuía minha vida".

O prazer da caça é sobretudo sua grande paixão. O adolescente aqui não conhece medida. Mais tarde, quando os encargos do Episcopado o ameaçam, ele dirá ao patriarca Teófilo: "Eu, que desde a infância me sei reprimido por ter a mania das armas, a mania dos cavalos, a ponto de passar os limites, eu estaria pesaroso. Que dor ver meus cães

favoritos, sem poder conduzi-los à caça, e meus arcos ruidos dos vermes!"

Nesses confins da Líbia, o adolescente Sinésio associou o livro à caça. E como poderia ser de outro modo? No contínuo sobressalto de fronteira de duas civilizações, a meio caminho da Hélade e do Oriente, onde a passagem de povos depositou seus sedimentos, o gênio grego soube renovar a harmonia e o equilíbrio que auroresceram séculos antes na feitura dos poemas homéricos. E por isto que sua biblioteca há de estar bem fornida dos autores de sua raça. Não há página da obra de Sinésio em que não se embosque alguma alusão ou citação dos clássicos gregos.

É deste modo que, entregue aos livros, à caça e às elevações religiosas, Sinésio alcança a idade dos vinte anos, sem ter deixado ainda o torrão pátrio, a sua querida Cirenaica. É chegado o momento de perfazer sua cultura, abandonar por algum tempo o prazer da caça e abrir a mente às grandes correntes do pensamento que a esta hora sopram da "grande Alexandria".

4. Acompanhemos esta juventude enamorada da eloquência, da poesia e da literatura, acompanhemo-la no momento em que vai deixar a Cirenaica de tantos heróis, a Cirenaica sua pátria, demasiado rebelde à filosofia, para ir procurar, no Egito, novas luzes.

Alexandria não era somente o entreposto do comércio do Oriente, o recep-táculo de todos os vícios, mas também o lar da ciência grega, o foco dos estudos mais modernos, a cidade das volúpias grosseiras e dos prazeres elegantes, repleta de mercadores, de marujos, de banqueiros, de cortesãs — e também de sofistas, de oradores, onde nas praças e nas ruas se viam estivadores a pregar a filosofia à multidão, onde uma mó de discípulos acorria de tôdas as partes, onde se abriam ricas bibliotecas, célebres escolas: aqui o modesto Didascalion reservado ao ensino cristão; lá o vetusto Musaion, verdadeiro palácio da ciência pagã, freqüentado por todo um povo ávido de saber e de bela linguagem. Foi nesta cidade que Sinésio viu, conheceu e se fez discípulo da sábia Hipácia, essa mulher prodígio, essa jovem cultora da Matemática e da Filosofia, que explicava o Neoplatonis-

mo a uma multidão respeitosa de adoradores de seu gênio e de sua formosura. E uma amável e trágica aparição, na história, a desta virgem eloqüente, consagrando sua alma à filosofia, seu corpo à castidade que tanto amor inspirou, sem que a mais leve suspeita pesasse sobre seu renome. Foi por isso que teve os espíritos mais nobres e o mesmo povo sob o inocente império de sua graça e sua palavra até o dia em que, sempre bela e sempre inspirada, enquanto se dirigia à escola, foi arrancada da carruagem por gente exaltada, e despida, e esquartejada.

Sinésio levava para Alexandria, com seus anos jovens, um grande desejo de conhecer a musa que dispartia em pequeninos as teses remontadas da filosofia Neoplatônica e os teoremas da rude Matemática do tempo". Que maravilhoso assunto de poema a nossa comum viagem", escreve ele de torna-viagem, ao amigo que deixara junto das bocas do Nilo, "foi-nos permitido ver aquilo cuja fama não podia convencer-nos; vimos e ouvimos aquela que detém o privilégio de iniciar nos mistérios da filosofia".

Serão necessários outros títulos para que essa maravilhosa figura feminina mereça atrair nossa atenção? Sinésio, que não renegará jamais seus primeiros entusiasmos, já Bispo de Tolemais, ainda a chama "sua mãe, sua irmã, sua mestra". E como debuxar o retrato desta mulher célebre se, mal-aventuradamente, nenhum escrito de sua mão conseguiu varar os séculos para vir desdobrar-se ante nossos olhos? E através de caminhos desviados que chegamos a conhecê-la. A fama com que então encheu seu século ainda vai emitindo os derradeiros ecos que chegam até nós! Infelizmente a má fé daqueles que tudo ignoram, quando se trata de assunto delicado, tomaram a figura feminina para brandi-la como bandeira ou espada de uma apologética invertida e apaixonada!

De par com o estudo da filosofia e das ciências exatas, ter-se-á Sinésio dado ao estudo de outras disciplinas? É fora de dúvida.

Voltando em 395 a sua cara Cirene, com o espírito a descortinar novos horizontes e a mente impregnada dos conhecimentos de toda espécie, hauridos com imensa sofreguidão, Sinésio reto-

na seus hábitos familiares, seus trabalhos campestres, suas caçadas favoritas. O adolescente tornou-se cidadão adulto e cidadão que, a breve trecho, desempenhará na Pentápole um papel saliente. Em 399 será enviado como embaixador a Constantinopla para fazer valer os direitos dos Cireneses. Mas até lá? Declina honrarias e cargos. Só a filosofia conta para ele.

Pela nobreza de sua origem, e de acôrdo com a alta condição de seu nascimento não poderia ficar alheio ao governo da Pentápole um varão de tantos estudos e de tão alta cultura. Uma de suas cartas, a de número XCV, nos informa que, às vésperas da embaixada que deveria levá-lo, por três anos, a Constantinopla, ele já era membro da *boulé*, ou conselho provincial.

5. Um heleno como ele, enamorado de tudo quanto a Hélade produziu de belo e de sublime, não podia deixar de visitar Atenas de tantas glórias. E-nos mal conhecida a viagem e as circunstâncias como foi realizada. Para completar sua formação? Para dar os últimos retoques à ciência adquirida em Alexandria? Vicissitudes e dificuldades com os grandes de Cirene que o obrigassem a um exílio já de algum tempo suspirado? As cartas pouco dizem a este respeito.

Ao que parece, a cidade santa de seus entusiasmos e de seus desejos não lhe trouxe o contentamento e o fruto que nela esperava encontrar. Decaída de seu antigo esplendor, Atenas continuava sendo, por assim dizer, uma cidade atração pela lembrança vizar de seus grandes homens. Numerosos mestres aí dispartiam ensinamentos a jovens provindos de todos os quadrantes do Império. E lá que, cerca de quarenta anos antes, assentados não longe de Juliano, tristemente cognominado o Apóstata, Basilio e Gregório de Nazianzo, se esquivavam da sociedade ruidosa de seus condiscípulos, para estreitar sempre mais aquela amizade que só devia acabar no túmulo. Cada sofista contava discípulos apaixonados e fanáticos que, em certas épocas do ano, iam pôr-se de emboscada em diversas partes da Ática para agarrar os novatos e arrolá-los sob a bandeira de seus mestres prediletos. Algumas vezes mesmo, nesta tumultuária república de adolescentes de escola,

as rivalidades de ensino degeneravam em lutas sangrentas.

Mas é preciso declarar com certa melancolia que no tempo de Sinésio a escola de Atenas tinha apenas reputação. O grande Libânio escreve, com efeito, na carta 627: "Ninguém podia dispensar-se de visitar a pátria de Platão e Demóstenes, a cidade predileta dos homens e dos deuses. Os mestres haviam envelhecido no luxo e na moleza; eles próprios teriam tido necessidade de mestres para combater com a palavra e não com as armas... Mas os jovens deveriam sempre terminar seus estudos nesta terra privilegiada para retornar, na aparência, se não na realidade, instruídos".

E Sinésio mesmo, ao ver tantos pretensiosos, escrevia ao mano Evópcio: "São simples mortais como nós; não compreendem Platão e Aristóteles melhor do que nós. Entretanto, consideram-se entre nós como semi-deuses entre mulos, orgulhosos que são por haverem visto a Academia e o Liceu e o Pecilo, onde Zenão filosofava; mas o Pecilo não merece mais este nome: um procônsul arrebatou os quadros que lhe constituíam o ornamento, e eis aí por terra a pretensão desses falsos sábios".

Eis então Sinésio na Ática. Ao tocar esta solo sagrado, julgou-se agrandado. Percorre todos os lugares famosos, visita religiosamente tudo quanto tem alguma ligação com os grandes homens do passado. Decepção! O discípulo de Hipácia não encontra em Atenas esses ensinamentos ao mesmo tempo graciosos e severos que o encantavam, há pouco em Alexandria". Perea o maldito pilôto que para aqui me trouxe! Atenas nada possui de Augusto a não ser os nomes outrora famosos... Em nossos dias é no Egito que se desenvolvem, graças a Hipácia, os germes fecundos da filosofia. Atenas foi outrora a morada dos sábios; hoje não é ilustrada senão por fabricantes de mel e por este par de sábios plutarquianos que atraem jovens ao teatro, não pela fama de sua eloquência, mas com potes de mel do Hime-lo".

"São as únicas indicações, diz Lacombrade, se assim podem ser chamados estes alguns textos ouriçados de enigmas que chegaram até nós, a propósito da estada de Sinésio em Atenas". E acres-

centa: "Quando se dirige a Atenas, Sinésio faz figura de estudante; tem o cuidado de completar sua formação filosófica. Já ouvira as lições de Hipácia em Alexandria. F tudo permite crer que é ainda solteiro. É, porém, um personagem considerável pois atraiu sôbre si numerosas simpatias e algumas inimizades".

6. Está de nôvo na Cirenaica, região perturbada quase de contínuo pelos nômades provindos do deserto, impelidos pela fome e encorajados pela fraqueza crescente de uma província despovoada e mal defendida. Quem o invasor? Heródoto o denomina de Maco ou Auso (IV, 75; V, 42). Sinésio o chama Maceta ou Assuriano. Esses bárbaros, o tempo não lhes modificou os traços essenciais: possuídos de ânsias devastadoras destroem pelo prazer de destruir, degolam aldeões, e conduzem como escravos homens, mulheres e crianças. Vêm do deserto quais nuvens de gafanhotos, impelidos não se sabe por qual escura fatalidade, e chegam a reduzir a Cirenaica à última extremidade. Qual, em transe tais, o papel assumido por Sinésio? Podemos aquilatá-lo pelas cartas CIV, CXII e CXXIV endereçadas a Exópcio as duas primeiras, e a última a Hipácia.

Organizando a resistência, dando prova de uma coragem a tôda prova, transportando-se rapidamente para todos os ângulos onde paira alguma ameaça, Sinésio acrescenta, ao prestígio de seu nome e ao peso de seus títulos efetivos, o reconhecimento de sua cidade, e de seus concidadãos.

Dentro de pouco tempo, o voto destes o delegará para uma embaixada a Constantinopla, numa hora pejada de interrogações.

Credenciado pelos homens influentes de Cirene, Sinésio se dirige à capital do Império para reclamar contra as incursões contínuas dos bárbaros, e contra o abandono da Cirenaica por parte do poder central.

7. Era então Imperador o filho mais velho de Teodósio, Arcádio, que nesta época devia estar pelo vigésimo primeiro ano de existência. Foi em 399 que Sinésio chegou a Constantinopla. Teve que esperar três anos (...) antes que

lhe fôsse dado acesso diante da face do soberano. O mundo era grande demais para ser governado por um adolescente! É então que Sinésio pronuncia um discurso, que ainda possuímos, e que é um repositório de tôdas as reivindicações dos Cirenenses. Emprega uma linguagem atrevida, e traça diante do môço-Imperador o retrato de um governante ideal.

De fato, aos 21 anos de idade, Arcádio estava já no quarto ano de seu reinado. Coração terno e pio, mas espírito obtuso, submisso a seus conselheiros "como um ruminante", segundo a expressão cruel de Zósimo, não era de sua notória incapacidade que se podia esperar a solução do grande problema da hora: o antagonismo dos bárbaros e da romanidade no seio do govêrno.

Na longa espera, Sinésio fêz voto de compor um Hino de louvor a Deus, caso fôsse atendido na petição que vinha trazer da longinqua Cirene, conforme se colige do Hino I:

Ó rei do vasto universo,
eu venho desobrigar-me
de um voto que fiz na Trácia
onde, durante três anos,
habitei o solo,
junto da residência
do rei da terra. (I, 429-436)

Era pela primavera de 402 que o embaixador de Cirene deixava precipitadamente a capital do Império. Partida dramática que lhe não permitiu satisfazer os deveres da amizade. Há um tremor de terra. E na confusão dos grandes cataclismos, enquanto a turba está prostrada a rezar por tôda a parte, o embaixador abre passagem por entre a multidão, precisa-se em direitura ao pôrto, sobe ao primeiro barco que já vai partindo e confia ao mar a vida que a terra lhe ameaçava. Tem apenas tempo para acenar a um amigo um derradeiro adeus.

8. Depois chega a Alexandria. Adivinha-se-lhe a emoção. A metrópole do Egito é muito cara a seu coração. Ai vive Hipácia. Lá mora Evópcio, o querido irmão. Lá revê o sobrinho. Dioscuro, já crescido. Depois de alguns dias de descanso merecido, navega em direção de Cirene.

Após tantas peripécias ei-lo de volta! Mas ai! Sua querida pátria estava sendo devastada pela guerra e pelos bárbaros "Bárbaros, diz Druon, não cessavam de atormentar o país. Habitados à pilhagem, chegavam em bandos, sem ordem nem disciplina, incapazes, por superiores que fôsem numericamente, de resistir às tropas regulares; mas visto que a Pentápole estava quase completamente desprovida de recursos militares, êsses bandidos se tornavam inimigos temíveis".

"Eu vivo, escreve Sinésio a Hipácia por êsse tempo, estou vivendo no meio das desgraças de minha pátria. Seus desastres me enchem de dor; cada dia avisto armas inimigas, vejo homens degolados como via rebanhos, respiro um ar corrompido pela infecção dos cadáveres e espero sofrer a mesma sorte como tantos outros, pois como guardar alguma esperança da vida, depois que os céus estão obscurecidos por nuvens le aves de rapina que esperam o pasto? Não importa. Não abandonarei êste lugar. Porventura não sou Libio? É aqui que nasci; é aqui que vejo os túmulos de meus nobres antepassados. Só por vós poderia negligenciar minha pátria, e se jamais eu a abandonarei não será senão para ir junto de vós". (Ep. CXXIV).

Sinésio, que antes de sua primeira ida a Alexandria servira sob as armas, não se contentou só de gemer sôbre a sorte de Cirene. Não era do estôfo dos que clamam lágrimas inúteis. Seu entusiasmo juvenil, que nunca o abandonará, a educação ressumbrante de patriotismo que lhe havia sido instilada desde os mais verdes anos, o amor pela coisa pública que o levava a Constantinopla, sobretudo quando estava em jogo Cirene e as cinzas de uma longa e gloriosa propáxia de antepassados ilustres — tudo lhe era motivo para não deixar que só o coração se confrangesse, que só a cabeça excogitasse estérilmente; fêz mais: foi à ação. Não só acendeu e fomentou a coragem, a audácia, o arrôjo e a confiança dos concidadãos, qual nôvo Tirteu, mas êle próprio lhes forneceu exemplo de como se devem defender com valentia.

Escrevia, com efeito, a seu irmão: "Pois quê? enquanto êsses miseráveis salteadores arrostam tão facilmente a

morte para não abandonar os despojos que acabam de nos roubar, nós outros temeríamos o perigo, em se tratando de defender nossos lares, nossas leis, nossa fortuna, tantos bens que fruimos desde longos anos? Seríamos menos capazes de expor nossas vidas? Se assim procedêssemos não seríamos homens. Eu, por mim, é o que penso, quero marchar contra os bárbaros, quero ver o que valem êsses audaciosos inimigos, e o que são para ousar insultar Romanos. Um camelo sarmento, diz o provérbio, pode ainda carregar mais fardos do que vários asnos. Aliás, em tais extremos, os que não pensam senão salvar suas vidas, sucumbem de ordinário, ao passo que os que fizeram o sacrifício de seus dias escapam dos perigos. Quero ser destes últimos. Combatarei como se devesse morrer e, não tenho dúvidas, sobreviverêi. Descendo de Lacedemônides lembro-me das palavras que a Leônidas dirigiam os magistrados: que os soldados vão ao combate como se fôsem condenados a perecer, e não perecerão". (Ep. CXII).

Não ficou estéril o esforço de Sinésio: os bárbaros foram rechaçados. A vitória do soldado libertou a alma do filósofo. Sucederam-se os lazeres: volta ao campo, divertimentos, caçadas, leitura, vida a bel-prazer. Avultada fortuna, herança de seus pais, permitiui-lhe entregar-se à agricultura, à caça e aos livros.

9. Neste doce remanso consagra seus dias à oração, ao estudo do homem e da divindade, das leis que regem o mundo. Seu pensamento, desviado das preocupações de Constantinopla, de Atenas, de Alexandria e mesmo da amada Cirene, mais facilmente pode voltar-se para o Autor de tôdas as coisas. Iniciado nos mistérios sagrados da filosofia, é com delícia que há de mergulhar na contemplação. Sôbre as asas da inteligência êste discípulo de Platão altear-se-á até a fonte donde dimana todo o bem.

Entretanto, a existência pacífica de Sinésio não tardou que fôsse novamente perturbada pelas exações de governadores broncos e truculentos, pelas facções municipais e pelas incursões dos bárbaros, sempre a pressionar as fronteiras. Chorando desolado sôbre a pátria de Carnéades e de Aristipo, e que agora estava entregue a indignos servi-

dores, Sinésio deixou Cirene em demanda do Egito, não que abandonasse a luta, mas porque outros negócios para lá o chamavam.

Além do irmão Evópcio, Sinésio encontra em Alexandria amigos fiéis e, sobretudo, sua querida Hipácia. Mas neste centro do Neoplatonismo já encontrar outro personagem que deveria exercer em sua vida inesperada influência.

A esse tempo a Sé Patriarcal de Alexandria era ocupada por Teófilo. "Animado, escreve Druon, de um ardor de proselitismo que muitas vezes ia até a violência, hábil, astuto, eloqüente quando a paixão não o transportava, este Patriarca da comunidade cristã de Alexandria não pôde ver, creio, sem um secreto desejo de conquistá-lo para o Cristianismo, esse descendente de uma família ilustre, rico, considerado e celebrado por seus talentos". (pág. 28).

10. Como se estabeleceram as relações entre Sinésio e Teófilo? Ignoramo-lo. Mas devem ter sido bastante íntimas, a julgar pelo respeito e pelo reconhecimento que Sinésio testemunha em toda a parte ao Patriarca; e foi talvez em consequência dessas relações que os primeiros germes de fé cristã foram depositados em sua alma, se já não o haviam sido em anteriores ocasiões.

Com efeito, na luta que opunha o Cristianismo aos chefes do Helenismo, cada homem dotado de talento superior era uma conquista que ambas as partes procuravam, ásperamente às vezes, fazer. "A autoridade de seus conselhos o Patriarca acrescenta um meio de persuasão mais doce, mas nem por isso menos seguro. Dar-lhe uma esposa cristã não seria já meio caminho andado em direção do Cristianismo? Sobre uma alma terna e amorosa a influência da mulher deve ser irresistível. Era como que um apóstolo ligado ao lar doméstico". (pág. 28). "Todavia, acrescenta Vellay, o papel desempenhado por ela na vida de Sinésio é pouco e mal conhecido. Sabe-se somente que Sinésio tinha por ela uma veneração que nada pôde abalar, e algumas provas dos Hinos e das Cartas dão disso eloqüente expressão".

E aquela, ó rei,
que participa de meu tálamo conjugal,

preserva-a das doenças e dos pesares,
que ela me seja fiel e unida,
e jamais conheça os furtivos amôres;
que o leito conjugal
ela o guarde inviolável,
puro, sem mancha,
inacessível aos desejos espúrios.

(Hino VII, 34-41).

Sinésio deve ter casado com uma cristã, cujo nome não nos é conhecido. O nascimento do primeiro filho veio acrescentar a suas alegrias a de concluir uma ilustre linhagem, estreitando ainda mais a elevada afeição que devotava a sua fiel esposa.

Depois de uma estada de dois anos em Alexandria, em 405, com mulher e filho, voltou à Cirenaica. Não pôde, contudo, fruir dos lazes e da quietude suspirada. Cereális havia sido nomeado governador. Era um homem indigno da confiança que os grandes de Constantinopla nêle depositavam. Longe de premunir a Província da Cirenaica contra as agressões que a ameaçam, desorganiza-lhe as tropas. Ele próprio, na hora grave, no momento em que os bárbaros acabam de invadir o país e incendiar as colheitas, deserta de seu posto para abrigar no mar as riquezas e a vida: pretende dirigir a defesa do alto de seu navio! E eis de novo Sinésio sob as armas. Agora luta e combate *pro aris et focis*. Contudo, mais prontos para a retirada do que para o ataque, os assaltantes fogem para as sólidos.

E pelo ano de 410, segundo Lacombrade, que Sinésio vai ser investido do Episcopado. Infelizmente também neste ponto os documentos são escassos. Havia morrido o Bispo de Tolemais.

Convém, antes de vermos nosso filósofo com a plenitude do sacerdócio, saber quais os caracteres tão originais das funções que vai assumir. Suas atribuições sagradas postas de lado, o Bispo é antes de tudo, o mandatário de seus concidadãos. E terá obrigações esmagadoras. Estará encarregado não só da promoção espiritual senão que também da defesa material da comunidade. Sinésio sabe muito bem que o ônus que lhe põem sobre os ombros é pesado.

11. Não será sem interêsse, decerto,

a leitura da Carta CV, verdadeira carta-aberta ao Patriarca Teófilo de Alexandria por intermédio do mano Evópcio.

"Andaria eu muito errado, escreve êle, se não fôsse reconhecido aos habitantes de Tolemais pela consideração que têm para comigo, maior mesmo que a que eu tenho para comigo mesmo. Contudo, aqui trata-se menos de considerar este grande favor do que minha aptidão para recebê-lo. Que um simples mortal, efetivamente, obtenha honras quase celestes, aí está, se êle as merece, e que põe o cúmulo a minha honra. E se êle não está à altura, que cruel apreensão para o futuro! Não é de hoje apenas que data o receio que tive de ofender a Deus, mas este receio tenho-o desde sempre. Ora, ao examinar-me a mim próprio, acho-me completamente incapaz de corresponder à dignidade do sacerdócio. Daí a franqueza que tenho em relação a ti, a respeito dos sentimentos íntimos que me agitam. Outro recurso não tenho do que confiar-me a tua afeição tão fraterna. Não tomaria parte em minhas preocupações, não cogitarás de dia ou de noite algo para me dar alguma alegria ou evitar-me a borrecimento? Toma conhecimento, pois, onde estão as minhas preocupações que, em grande parte, tu bem conheces.

"Eu tinha tomado sobre mim um fardo leve que creio ter suportado bastante bem até este dia, — a filosofia. E, quando, me parece, não me afastei dela demasiado, e vejo-me louvado por alguns personagens e julgado apto a maiores louvores ainda por outros que não conhecem lá muito bem as minhas capacidades. No entanto, receio os efeitos de minha presunção: a honra que me é feita não irá tornar-me duplamente culpado de desprezar a filosofia sem haver-me antes elevado à minha nova dignidade?

"Vejam os meus poucos. Duas ocupações repartem todo o meu tempo: o lazer e o estudo. Quando estudo, e sobretudo quando me dou às coisas divinas, estou todo concentrado. Nas horas de prazer estou aberto a todos (tu bem sabes que quando levanto os olhos de sobre os livros, eu me entrego todo inteiro a qualquer divertimento), mas os cuidados políticos me deixam frio, seja por questão de gosto, seja por questão

de método. O sacerdote pelo contrário, deve ser um homem todo divino, necessariamente estranho, como a mesma divindade, a todo divertimento. Para que êle se mantenha em sua condição, milhares de olhos o vigiam, precaução aliás inútil se êle por si não é prudente e inacessível a toda fraqueza. Ademais em suas relações com Deus, não poderia reservar-se para si, mas deve estar à disposição de todos na qualidade de doutor da lei e de intérprete da regra. Ele deve também gerir tantos negócios quantos uma comunidade reunida, e esses negócios devem ser-lhe comuns se não quiser estar alvo de todas as críticas. Como, pois, seria possível, sem alma e tempera verdadeiramente superiores, sustentar o peso de tantos cuidados, não fraquejar, não apagar em seu espírito a faísca divina, quando se está dividido entre tantas ocupações de toda a espécie? Há homens — eu os conheço — que são capazes disso. Que felicidade ser assim dotado! homens verdadeiramente divinos, segundo meu modo de ver, que a prática continua dos negócios não afasta do divino? Quanto a mim, conheço-me suficientemente. Quando vou à cidade, quando volto, quando me imisco nas coisas corriqueiras, quem diria que me encontro coberto de tantos salpicos? Basta que a minhas misérias habituais inveteradas, se some mais alguma nova mancha, e a medida transbordará. Estou sem forças; está doente minha alma. Estou desarmado para a ação. Longe estou de andar em paz com minha consciência, e entretanto, quando me perguntam, devo dizer alto e bom som que o sacerdote deve ser puro entre todos, e até mesmo mais do que puro, pois que deve por acréscimo lavar as manchas dos outros.

"Ainda um ponto a acrescentar, visto que escrevo a um irmão caríssimo uma carta que forçosamente, terá outros leitores. Porque o escopo final de tudo isto é que todos sejam completamente esclarecidos a fim de que, aconteça o que acontecer para o futuro, eu seja inocente diante de Deus e diante dos homens, e de modo particular diante do venerável Teófilo. Expondo ao público meu grande problema, deixando ao Patriarca o cuidado de decidir soberanamente a respeito de minha sorte, como é que eu poderia ser digno de censura?

"Deus, com efeito, e a lei, e a mão sagrada de Teófilo deram-me uma espósa. A face de todos eu proclamo e atesto que me recuso a uma separação definitiva, como a uma união clandestina comparável a um adultério. Dêstes dois atos o primeiro é impio, o segundo ilegal. Quero e desejo ter muitos e formosos filhos. Não devo ocultar este desejo a quem tem o poder de me consagrar. Ele será informado disto através de meus amigos Paulo e Dionísio e seus companheiros, que o povo, segundo estou informado, escolheu como delegados.

"Outra questão há que não é nova para ele, mas que se trata de recordarlha, e que demanda pormenores mais amplos, — as outras tôdas me parecem secundárias em comparação com esta: é difícil, se não absolutamente impossível que convicções que entraram em meu espirito por via de demonstração científica sejam arrancadas d'êlo. Há muitos pontos, tu bem o sabes, onde a filosofia se opõe às idéias comumente aceitas.

"De fato, eu não poderia admitir jamais que o nascimento da alma tenha seguido o do corpo. Não iria dizer que o mundo em tôdas as partes que o compõem, está votado à ruína. Quanto à ressurreição, que a opinião corrente admite, aí está, parece-me, um mistério inefável em que não concordo, longe disto, com o sentimento do vulgo. A inteligência filosófica, admitida a contemplar a verdade subscreve a utilidade da mentira. Há relação com efeito, entre a luz e a verdade, como entre o olho e a inteligência; e como um olho tiraria ruim proveito de uma luz demasiado viva, e como um olho doente se acomodaría melhor à obscuridade, do mesmo modo, eu concedo, é útil ao povo a mentira, e a verdade é prejudicial àquelles que não podem fitar as evidências essenciais.

Se essas verdades me são concedidas também por nossas leis religiosas, posso a rigor, ser ordenado sacerdote.

"Na vida privada serei filósofo, na pública, poeta. (Há em grego um jôgo de palavras difícil de reproduzir para o vernáculo: *philosophos/philomythos*). Recusando-me a pregar a doutrina eu não alterarei a doutrina: deixarei como estão as idéias recebidas.

"Se me asseguram, pelo contrário, que

devo também entrar no movimento, e que o sacerdote deve ser povo por suas crenças, não faltarei então de mostrar a todos como realmente sou. Povo e filosofia teriam realmente alguma relação? A verdade das coisas divinas deve ficar escondida. O vulgo precisa de outra experiência. Repito-o e di-lo-ei mais vezes: e na ausência de todo constrangimento não pertence mais ao sábio impor uma convicção do que recebê-la. Chamado ao sacerdócio, julgo fora de lugar tôda fé mentirosa. Tomo a Deus como testemunha e quero antes de mais nada ser inocente diante d'êlo. Eis a única coisa que não posso dissimular. De gênio alegre como sou (acusam-me desde minha juventude de louca paixão pelas armas e pelos cavalos), que pesar para mim o não mais poder levar à caça os cães dos quais tanto gosto, e ver meus arcos roídos de vermes! No entanto terei força, se for esta a vontade de Deus. Apesar de meu horror das contrariedades, saberei, custe o que custar, suportar mexericos e trabalhos, desempenhando bem, por pesada que seja, esta função de estar ao serviço de Deus. Minhas convicções não posso calá-las. Não haverá divórcio entre a língua e o pensamento.

"Tais sentimentos, tais afirmações agradam, creio, a Deus. Mas também não quero que digam que eu fui eleito porque ignoravam quem eu era. Porém, depois de advertido, depois que me confirmarem que êle está prevenido, o venerável Teófilo — é isto mesmo, "o amigo de Deus" tome uma decisão em meu lugar. Ou então me deixará em minha posição, filosofando comigo mesmo, ou ponderando tudo, riscará meu nome da lista dos Bispos.

Acrescentar a isto outras considerações seria bobagem. Sei muito bem que Deus ama a verdade acima de tudo. Assim juro por tua sagrada cabeça, juro por Aquêlo que mantém esta verdade, o próprio Deus, eu me sinto esmagado, — mas qual o meio para que seja de outra maneira — na obrigação que me incumbem de mudar de existência?

"Portanto, se depois de manifestas estas razões que eu me recuso calar, minha admissão no clero está decidida por aquêlo que é detentor do poder de Deus, submeter-me-ei à necessidade; aceitarei, por assim dizer, pacto divi-

no. Penso comigo que diante de uma ordem do Imperador ou de um maioral qualquer, uma sanção teria punido minha desobediência; mas a Deus é preciso uma obediência espontânea. E Deus se me aceita como seu ministro, eu devo, desde o começo, amar a virtude divina por excelência, a verdade, em vez de utilizar o que mais lhe repugna, a saber, a mentira, para me imiscuir em seu serviço.

"Faze, pois, com que os membros de teu conselho privado sejam prevenidos destas disposições e as levem ao conhecimento do Patriarca".

12. Que terá pensado Teófilo de tudo isso? Não o sabemos, pois o eco não chegou até nós. É verdade que a última palavra estava com Teófilo, mas de que modo? Aqui se dividem os entendidos, e Villemain não hesita em declarar: "On lui permit de garder sa femme et ses opinions", solução desmentida pelos biógrafos.

Ao que parece, ao que tudo indica, Sinésio submeteu-se a tudo quanto lhe pedia o Patriarca.

E depois disto, depois de muitas e terríveis apreensões, que Sinésio entrava na carreira do Episcopado, pelo ano de 411.

Bastou que aceitasse o cargo tão pouco desejado e tão longamente repellido, para que tôda sorte de dificuldades se abatessem sobre êle. Quando retorna a

Tolemas, em fins de 411, a situação da Província é mais ou menos normal. Mas aos poucos novas desgraças, devastações, incursões de bárbaros trazem a ruína e a morte.

Terá Sinésio morrido em meio ao redemoinho de tantos males?

A morte do grande heleno não revestiu a trágica beleza que talvez tivéssemos desejado. Não tombou sepulto sob as ruínas de sua igreja. Se assim fôsse, os sagrados cronistas ter-nos-iam consignado os lances do martírio.

Uma carta a Hipácia, escrita do leito de doente, nos mostra Sinésio debilitado e consumido pelas preocupações e contratempos.

"De meu leito de enfermo eu digo esta carta. Oxalá vos encontre de boa saúde, ó minha mãe, minha irmã, minha mestra... A debilidade de meu corpo é causada pela de minha alma. Pouco a pouco eu me consumo no pesar de meus filhos desaparecidos... Como a torrente contida rola suas ondas tumultuosas, do mesmo modo foi-se-me a doçura do viver. Ah! termine minha vida, ou a lembrança de meus filhos depositados no túmulo..." (Ep XVI).

Sinésio ter-se-á extinguido antes de março de 415, pois que a Correspondência não registrou os ecos do suplicio de Hipácia, sobrevivendo por esta data.

E depois falta qualquer informação, e o véu do silêncio se desdobra sobre a vida do "último dos helenos".

Bibliografia

1. Camilotto, João Batista. — Hinos de Sinésio de Cirene. — Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1960.
2. Druon, H. — Oeuvres de Synésius, Paris, 1878.
3. Lacombrade, Christian. — Synésios de Cyrène, hellène et chrétien, Paris, Les Belles Lettres, 1951.
4. Migne, P. G., vol. 66.
5. Vellay, C. — Études sur les Hymnes de S. de Cyrène, Grenoble, 1904.
6. Willamowitz — Moellendorff (U. von). — Die Hymnen des Proklos und Synesios, Sitzungsberichte der Berliner Akademie, XIV, pp. 272-295.

LETRAS DE HOJE

é uma revista editada sob a responsabilidade do Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, tendo como objetivo a difusão e o debate de assuntos culturais.

CONSELHO DIRETOR

Irmão Liberato
Prof. Elvo Clemente
Prof. João Batista Camilotto
Prof. Plínio Cabral (red. resp.)

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

Av. Ipiranga, 6681 - Pôrto Alegre, Rio Grande do Sul - Brasil

COLABORADORES DESTES NÚMERO

DIONISIO FUERTES ALVARES — Professor Catedrático de Língua e Literatura Espanhola por concurso; autor de livros de poesia e ensaios em Língua Portuguesa e Espanhola. Entre os livros de prosa podemos citar — Poesia y Belleza — (tese de concurso); o núcleo mínimo de Expressão Lingüística. Em verso publicou entre outros: Jardim Tropical, Salmos do Silêncio e outros; artigos publicados na Revista VERITAS e outras revistas.

CARLOS NEJAR — Bacharel em Direito pela P.U.C., Promotor de Direito. Poeta da nova geração; já escreveu os seguintes livros: Sélesis, Livro de Silbion, Livro do Tempo, O Campeador e o Vento, Danações (em preparação).

IRMÃO ELVO CLEMENTE — Professor catedrático de Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, por concurso; autor de ensaios de crítica literária entre os quais citamos: A Vida e Obra de Lobo da Costa, O Temporal e o Eterno na Poesia de Paulo Corrêa Lopes, Caminhos da Estilística. Artigos publicados na Revista VERITAS e outras revistas.

AUGUSTINUS STAUB — Professor de Lingüística na Universidade de Brasília, com curso de especialização na Georgetown University, professor do Instituto Cultural Brasileiro Norteamericano. Publicou artigos na Revista VERITAS e outras revistas especializadas.

IRMÃO BATISTA CAMILOTTO — Professor catedrático de Língua e Literatura grega na P.U.C., professor de Latim, publicou o livro Sinésio de Cirene, tese para concurso; numerosos artigos na Revista VERITAS.

RAQUEL YANTORNO DE ELENA — Professora de Buenos Aires, formada em Arquitetura e Letras; professora de Audio-visuais, autora de inúmeros artigos sobre artes plásticas e literária; estudo especial sobre Unamuno. Poetisa com versos publicados em jornais e revistas.

SERGIO RIBEIRO ROSA — Natural de Pôrto Alegre, colaborador assíduo do "Jornal do Brasil" e "Jornal do Comércio" do Rio de Janeiro — e em Pôrto Alegre — do "Correio do Povo". Jornalista, crítico, ensaísta.

CARLOS SALDANHA LEGENDRE — Natural de Pôrto Alegre, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Colaborador do "Correio do Povo" de Pôrto Alegre. Poeta, com "Canto ao Mar de Piriápolis", publicado em 1962 e "Inventário do Canto". Inédito. Menção Honrosa do Instituto Nacional do Mate (Poesia).

ARMINDO TREVISAN — Sacerdote Palotino, colaborador do "Correio do Povo". Professor da Universidade de Santa Maria. Poeta, com "Surpresa do Ser" publicado neste ano. Prêmio "Gonçalves Dias" (1964). Fêz parte da Novíssima Poesia Brasileira — organizada por Waldir Ayala (1965).

OSCAR BERTHOLD — Sacerdote, natural de Antônio Prado. Bacharel em Filosofia. Poeta, participou de "Matricula" — com vários companheiros de ofício poético, publicada neste ano.

LEONOR SCLiar CABRAL — Bacharel em Direito pela URGs. Formada pelo I Instituto Lingüístico Latino Americano, responsável pela seção de Lingüística do "Diário de Notícias", Prêmio Esso de Literatura (1967).

PLÍNIO CABRAL — Bacharel em Jornalismo, escritor, cronista do "Diário de Notícias" de Pôrto Alegre, professor da PUC.